

Rosa dos ventos

MAURICIO DIAS



"A cultura do golpe ainda existe no País"

(Dilma Rousseff em entrevista ao SBT)

Cunha e a corda bamba

► Declina a manobra golpista urdida contra Dilma Rousseff ao sabor da rendição ao senso comum. Cunha parece destinado a vestir a camisa de força

A ATENÇÃO DA MÍDIA voltada para a sustentação da campanha contra o governo tem, como pano de fundo, o *impeachment* da presidenta Dilma Rousseff. Essa solução, um golpe disfarçado, hoje parece coisa do passado. Mas nas últimas semanas pairou um sentimento triunfal de que o tempo do governo Dilma tinha entrado em contagem regressiva. Houve mesmo aproximações semelhantes às palavras de ordem "Basta" e "Fora", estampadas na primeira página do jornal *Correio da Manhã*. Quase uma senha para a queda do presidente João Goulart em 1964.

Com os olhos voltados para esse lado, não foi percebido que, no lado oposto, ocorria um movimento diferente. Algo como um "Dilma fica". E por quê?

Havia um interesse específico. Ficou notório, a olhos mais atentos, que a gravidade da crise era mais política do que econômica. O *impeachment*, a renúncia, ou qualquer outra solução que não fosse a estabilidade do processo constitucional seria uma aventura cega.

Dilma já tinha admitido o sacrifício político pessoal ao "engolir" o ajuste fiscal proposto pelo ministro da Fazenda, Joaquim Levy. Ela enfrentou resistências do PT. A popularidade ruim ficou pior.

Sem a presidenta, no entanto, a saída conservadora também acabaria. E não se sabe o que viria depois. A partir daí criou-se um novo cenário político.

Diante disso, os tresloucados gestos do presidente da Câmara, Eduardo Cunha, embora trágicos, perderam a graça. A sublevação dos deputados, tentada por ele, perdeu força. Fez estragos, registre-se.

A mídia conservadora, golpista até então, deu um passo atrás. Só um. O bastante, porém, para erguer uma brisa em direção a nuvem cinzenta formada sobre o Palácio do Planalto. Já havia sinais de que a oposição, notadamente o senador Aécio Neves, comandante das investidas oposicionistas mais radicais, pisaria no breque. Cunha ainda resiste.

Embora com metas distintas, várias forças se uniram com o propósito de colocar Cunha numa camisa de força. Contra esse desconforto ele se debate agora.

Um dos primeiros a entrarem na contra-mão do movimento anti-Dilma foi Luiz Carlos Trabuco, presidente do Bradesco. Para ele havia uma "crise grave", porém "mais política do que econômica". Por isso apontou as consequências: "Isso abala a confiança no País e retarda a retomada do crescimento".

"Ter grandeza é separar o ego pessoal do que é melhor para o País", disparou Trabuco. Não foi uma bala perdida. Ele parece ter mirado na direção de Neves e Cunha. Talvez na própria direção do governo Dilma.

Essa advertência seria repetida, posteriormente, na nota das Federações das Indústrias de São Paulo e Rio de Janeiro. Após pontuar a necessidade de preservar "a estabilidade institucional", a Fiesp e a Firjan alertaram: "É hora de colocar de lado ambições pessoais ou partidárias e mirar o interesse maior do Brasil".

No centro desse tabuleiro, a presidenta fez um movimento inesperado e corajoso. Com o apoio do vice-presidente, Michel Temer, atraiu Renan Calheiros.

Antes juntos e agora separados, Calheiros juntou-se ao governo e Cunha optou até agora pelo isolamento.

Trabuco.

Ter grandeza é atender aos interesses do País



Lula 2018 I

Lula continua imbatível no Nordeste.

Pesquisa recente do Instituto Maurício de Nassau (IPMN), feita no Recife, mostra que a força dele se sobrepõe às intempéries do PT, dos reflexos da crise econômica e da Operação Lava Jato (*tabela*).

À pergunta sobre “o político que mais admira”, 21,2% dos eleitores recifenses apontaram o ex-presidente petista.

É um porcentual maior que a soma dos outros nomes apontados, aí incluídos a presidenta Dilma e o ex-presidente Fernando Henrique Cardoso.

O tucano, com 1,9%, está na zona de rebaixamento.

Lula 2018 II

A sondagem utilizou o sistema de resposta

POLÍTICO BRASILEIRO QUE MAIS ADMIRA

Em % (espontâneo)

Lula	21,2
Jarbas Vasconcelos	6,3
Geraldo Júlio*	3,2
Dilma	2,1
Paulo Câmara**	1,9
FHC	1,9
Eduardo Campos	1,5
Marina Silva	1,3
Outros	13,5
Nenhum	40,9
NS/NR	7

*prefeito do Recife
**governador de Pernambuco
Fonte: IPMN

espontânea do eleitor.

Na relação dos políticos mais admirados “do passado” aparece Miguel Arraes.

Aparece também Tancredo Neves. Na referência do presente, entretanto, não aparece o nome do neto dele, tampouco o de Geraldo Alckmin, ambos prováveis candidatos na disputa interna do PSDB, em 2018.

Marina Silva, com boa votação em 2014, aparece na lista com 1,3% logo após o falecido Eduardo Campos, com 1,5%.

A pesquisa mostra um forte impacto provocado pela desconstrução da política formada a partir de escândalos de corrupção.

Anteriormente, por exemplo, Lula e FHC tinham 36,2% e 4,2%, respectivamente.

“Todos perderam admiradores”, diz o cientista político Adriano Oliveira, do Conselho Científico do IPMN.

Lula 2018 III

Segundo Adriano Oliveira, esse resultado “poderia ser ampliado” se a pesquisa tivesse sido realizada em todo o Nordeste.

“No que condiz a Lula, tenderia ser semelhante e, talvez, ele obtivesse maior porcentual”, afirma.

Caixa fechada

As 15 maiores empreiteiras do País, desde novembro de 2014, não destinaram nenhum centavo para o

mundo político.

O mesmo aconteceu com os bancos.

Por enquanto, fecharam o caixa porque são favorecidos por uma eleição municipal, em 2016, que não lhes interessa.

Há esperança de que as indústrias cedam. Talvez se limitem às doações legais.

Quase a pique

Um dos principais setores da economia, a indústria da construção, atingida pelas apurações da Operação Lava Jato, contabiliza, com o fechamento de empresas, o desemprego de, aproximadamente, 30 mil trabalhadores.

Cresce o movimento no Rio de Janeiro, organizado pelo Clube de Engenharia, dos sindicatos à Federação das Indústrias, favorável ao combate à corrupção. Pondera, no entanto, que isso não pode ser pretexto para destruir um patrimônio tecnológico e de conhecimento erguido há mais de seis décadas.

As empresas nacionais de engenharia operam hoje em mais de 40 países.

Efeito dólar

Saiu direto do gabinete do ministro Mauro Vieira a má notícia para os embaixadores e ministros conselheiros do Itamaraty.

Os salários foram reduzidos.

A atual cotação do dólar transformado em reais supera o teto salarial.

Buraco de tatu

A presidenta Dilma projeta uma redução no número de ministérios.

Pretende enfiar a mão em buraco de tatu.

Isso “é muito perigoso e é preciso ter cuidado”, como alerta uma saborosa música nordestina.

Para se precaver e se preservar, recomenda um experiente parlamentar, ela poderia usar propostas que adormecem nas gavetas do Congresso.

mauriciodias@cartacapital.com.br